

Durante quatro décadas, Adélia Prado publicou 08 livros de poemas, 07 livros em prosa e 02 de literatura infanto-juvenil, além de outras publicações com seleções de seus textos. Nos primeiros anos de sua produção, apesar do forte discurso lírico e feminino, Adélia apresentava uma poesia que, para parte da crítica e da academia nas décadas de 1970 e 1980, carregava um forte tom religioso, o que suscitava certa resistência.

Mais do que um tom religioso, a poesia adeliana, lembrando a primeira menção que Drummond fez de seus versos, pouco antes da publicação do primeiro livro da autora, *Bagagem* (1976), é, sobretudo, existencial e se reveste de caráter histórico, na medida em que reflete sobre a vida, a morte, a relação amorosa e extrai do cotidiano mais corriqueiro de um eu lírico interiorano, regionalizado, localizado, o que há de mais universal. Seu contexto de origem é o da cidade de Divinópolis, Minas Gerais. Sua história, portanto, é entrelaçada com toda a tradição religiosa cristã de sua terra natal, com forte viés católico.

Tomando como referência essa destacada matriz cristã, o presente estudo propõe analisar uma seleção de três poemas da autora, publicados em *Bagagem* (1976), a saber: "Fé", "Um salmo" e "Canção de amor". Dispõe sobre a profícua presença dos elementos bíblicos e religiosos cristãos em seus versos. Tais elementos se apropriam de diversas manifestações, por meio de referências a fatos bíblicos vetero e neotestamentários ou de discussões filosóficas acerca da existência de Deus e de outros fundamentos da fé, significados pelas proposições teológicas do campo religioso cristão e de um pensamento poético-teológico.

A vertente que mais interessa a este trabalho é a forte influência bíblica e a perspectiva existencial de uma vida de esperança, marcada contraditoriamente também pelo reconhecimento dos sofrimentos humanos, dentre eles, a morte. É impossível separar as concepções de poesia em Adélia Prado de suas convicções teológicas e da qualidade da esperança que seus versos delineiam. Seus poemas apontam uma vontade de alegria

¹ Silvana Pinheiro é Doutora pela Universidade Federal do Espírito Santo, com tese defendida em novembro de 2019. O título de seu trabalho de pesquisa foi "*A invenção de um modo*": movimentos líricos na poesia de Adélia Prado.

permanente, a ser buscada no presente, mas a ser experimentada após a morte como um estado pleno de felicidade e poesia.

Para entender o que seria, talvez, aquilo a que os poemas adelianos se referem, tomemos por empréstimo o conceito de felicidade, segundo Pierre Teilhard de Chardin, teólogo jesuíta e paleontólogo francês, que produziu sua obra na primeira metade do século XX e buscava uma visão integradora entre ciência e fé.

Essa escolha não é aleatória, uma vez que a própria poetisa reverencia esse pensador em suas entrevistas e depoimentos. Na formulação de uma de suas questões para entrevistar a autora, José Francisco Navarro Huamán nota que Adélia não tem uma mística de distanciamento da matéria, mas sim de encontro com ela, e isso a aproximaria de Chardin (PRADO, 2000, p. 35). A própria Adélia confirma a observação:

Isso que você fala de Chardin me alegra demais. Muito antes de começar a escrever e publicar, eu li Teilhard de Chardin e fiquei espantada com o amor dele pela matéria. É uma maravilha. Ele fala da “cristificação” do mundo. Esse grão de areia faz parte do corpo de Cristo; então, está tudo restaurado em Cristo. Eu li e falei: ‘Esse é dos bons (PRADO, 2000, p. 35).

Para Chardin, no mundo material, todos os seres vivos se movimentam na busca do bem-estar. Nessa perspectiva, os seres humanos também caminham na construção de um bem-estar possível a que ele chama de felicidade. Tal posição se contrapõe ao pensamento fluente entre seus contemporâneos, permeado pela conclusão de que essa busca é inútil (CHARDIN, 2005, p. 10-11). Como ele mesmo afirma: “É diretamente contra esse ceticismo relativista e, em última instância, pessimista de nossos contemporâneos que [...] me proponho falar [...]” (CHARDIN, 2005, p. 12). Para o teólogo, “O homem feliz [...] é aquele que, sem buscar diretamente a felicidade, encontra inevitavelmente a alegria como acréscimo, no ato de alcançar a plenitude no último recôndito de si mesmo, adiante de si” (CHARDIN, 2005, p. 20). Esse crescimento em direção ascendente, Chardin observa na natureza em geral e considera que se baseia nos princípios da teoria da Evolução e das conquistas científicas da Física e da Biologia de seu tempo. Para Chardin, o movimento ascensional da Vida implica movimentos de felicidade associados a ele, que se traduzem em júbilo e alegria, como expressões de uma realização transcendente.

Parece ser a isso que Adélia se refere na entrevista mencionada acima (PRADO, 2000, p. 35), quando fala da “cristificação” do mundo, onde todas as coisas estão “restauradas em Cristo”. E a visão adeliана se fundamenta também, em primeira instância, na própria teologia

paulina, pois o Apóstolo Paulo, escrevendo aos Colossenses, no capítulo primeiro de sua carta, versos 15 a 20, fundamenta esse pensamento quando afirma ser Cristo o primogênito de toda a criação, invisível e visível, restaurada em plenitude.

Desse modo, o posicionamento de Adélia, e também de Chardin, é de estreita sintonia com a teologia cristã, no caso deles, pela origem católica, mas cristã em sua essência mais ampla, admitida por outros segmentos desse posicionamento de fé. Tal fundamento básico fará parte, de forma recorrente, da composição de muitos poemas adelianos.

Há um outro aspecto advogado por ambos, o tema da ressurreição. O dogma cristão da ressurreição da carne é um dos pilares da poética de Adélia. Cleide Maria de Oliveira também observa essa particularidade:

A ressurreição da carne, dogma cristão dos mais importantes, é um dos fundamentos da poética adeliana: é nessa esperança de redenção da temporalidade que o discurso da alegria, tão marcante em Adélia, se construirá, como fica claro, por exemplo, no poema O reino dos céus [Bagagem, in: PRADO, 1991, p. 126], onde a corruptibilidade da carne é vencida sem que isso represente uma espiritualização do corpo, como se vê em versos como: “Quando eu ressuscitar, o que quero é/ a vida repetida sem o perigo da morte,/ os riscos todos, a garantia:/ à noite estaremos juntos, a camisa no portal./ Descansaremos porque a sirene apita/e temos de trabalhar, comer, casar,/ passar dificuldades, com o temor de Deus,/ para ganhar o céu”. Esse aspecto sensorial e material é de fato imprescindível para compreender certa sacralização e erotização do corpo que ocorre na obra adeliana [...] (OLIVEIRA apud PINHEIRO, 2019, p. 113).

A ressurreição, segundo Adélia, é calcada na esperança de redenção da temporalidade do corpo, atrelada à expectativa de uma plena alegria, quando o corpo acessará uma condição de incorruptibilidade. É o que fica evidenciado, por exemplo, no poema “Fé”:

Uma vez, da janela, vi um homem
que estava prestes a morrer,
comendo banana amassada.
A linha do seu queixo era já de fronteiras,
mas ele não sabia, ou sabia?
Como posso saber?
Comia, achando gostoso,
me oferecendo corriqueiro, todavia
inopinado perguntou
— ou perguntou comum como das outras vezes? —
Como será a ressurreição da carne?
É como nós já sabemos, eu lhe disse,
tudo como é aqui, mas sem as ruindades.
Que mistério profundo!, ele falou
e falou mais, graças a Deus,
pousando o prato.
(PRADO, 2015, p. 88).

Na perspectiva da poetisa e de sua visão cristã, toda a matéria será como é, com o advento da ressurreição inaugurado em Cristo, mas em condição de plenitude, sem as “ruindades” próprias da dimensão corruptível atual. Isso se traduz em esperança e alegria, que transcende a condição humana limitada pelo sofrimento. E acrescenta gratidão pela vida.

Não é difícil supor que esse posicionamento se coloca em franca tensão com muitas ideias da modernidade, não pela simples conservação de dogmas católicos, antes, pelo contrário, pela afirmação de um entendimento complexo do mundo, a partir de uma visão religiosa que integra o sagrado ao cotidiano da vida e à relação com o mundo imediato.

É o que observa Ana Lúcia Moret:

Ela se coloca no momento anterior ao rompimento entre o sagrado e o profano que originou toda uma mentalidade responsável pelo rebaixamento da vida natural e pela valorização da vida superior, considerada mais perfeita, mais pura. Se o homem religioso tradicional se quer diferente do seu “natural” e esforça-se por se fazer segundo uma imagem ideal, o homem religioso de Adélia Prado concebe as miudezas de sua vida terrena como parte integrante e significativa do processo de aprendizagem, no qual a morte não representa um rompimento, mas a passagem para outro nível (MORET apud PINHEIRO, 2019, p. 113).

A visão religiosa adeliânica equaciona um movimento dialético entre a visão tradicional cristã e os consequentes rompimentos dessa tradição, evidenciados no pensamento da modernidade, sobretudo pós-século XIX, o que não deixa de provocar reações de resistência, às vezes de rechaço, por outras, de curiosidade.

Outro poema de *Bagagem* evidencia a adesão da lírica de Adélia às proposições da fé cristã, trazendo a mesma feição dialógica, agora relacionada ao pensamento de São Francisco de Assis, o que não é incomum a outros versos de sua obra. Trata-se de “Um salmo”:

Tudo que existe louvará.
Quem tocar vai louvar,
quem cantar vai louvar,
o que pegar a ponta de sua saia
e fizer uma pirueta, vai louvar.
Os meninos, os cachorros,
os gatos desesquivados,
os ressuscitados,
o que sob o céu mover e andar
vai seguir e louvar.
O abano de um rabo, um miado,
u’a mão levantada, louvarão.
Esperai a deflagração da alegria.
A nossa alma deseja,
o nosso corpo anseia

o movimento pleno:
cantar e dançar TE-DEUM.
(PRADO, 2015, p. 31).

Neste salmo, tudo o que existe, natural e culturalmente, é chamado a louvar a Deus. Mais do que isso, há uma constatação de que tudo o que existe tem o propósito de alcançar um “movimento pleno” dirigido a Deus, TE-DEUM (A Ti, Deus), que deflagrará a plena alegria.

O poema se estrutura segundo as características de um salmo judaico, sobretudo por meio de paralelismos. O primeiro verso traz a tônica da formalidade dos poemas bíblicos, mas logo essa formalidade é quebrada pela expressão que contrapõe o tom formal, com a adoção do caráter de oralidade, na expressão recorrente “vai louvar”, como a indicar uma atualização da proposição bíblica, reforçada pelo diálogo com a voz ecoante de Francisco de Assis. Talvez, ainda, “vai louvar” não tenha aqui apenas o caráter de oralidade, mas de um dizer incisivo, de certeza, convicção e esperança, presentificado e categorizado no tempo verbal.

Cito, ainda, outro poema. Pertence a uma seção do livro denominada “Um jeito de amor”. Muitos versos da seção se tornaram populares, em função da temática amorosa, como os poemas “A serenata”, “O sempre amor”, “Um jeito” e “Amor feinho” (PRADO, 2015, p. 63, 64, 68 e 70). Mas há momentos em que o tema do amor, na seção, não diz respeito apenas à relação amorosa, mas se traduz em amor-entrega para o bem do outro, em uma perspectiva cristã. É o caso de “Canção de amor”:

Veio o câncer no fígado, veio o homem
pulando da cama no chão e andando
de gatinhas, gritando: ‘me deixa, gente,
me deixa’, tanta era sua dor sem remédio.
Veio a morte e nesta hora H, a camisa sem botão.
Eu supliquei: eu prego, gente, eu prego,
mas, espera, deixa eu chorar primeiro.
Ah, disseram Marta e Maria, se estivesseis aqui,
nosso irmão não teria morrido. Espera, disse Jesus,
deixa eu chorar primeiro.
Então se pode chorar? Eu posso então?
Se me perguntassem agora da alegria da vida,
eu só tinha a lembrança de uma flor miudinha.
Pode não ser só isso, hoje estou muito triste,
o que digo, desdigo. Mas a Palavra de Deus
é a verdade. Por isso esta canção tem o nome que tem.
(PRADO, 2015, p. 72).

Os versos se apresentam plenos de cotidianidade, em que estão presentes os desafios do sofrimento humano, como as enfermidades, a morte, as perdas. Embutidos nas circunstâncias

corriqueiras espelhadas no poema, encontram-se os desafios de viver e continuar vivendo, após adoecer, com as limitações desse momento, e após findar-se a vida, a “hora H”, mais humana.

Nem tudo encontra espaço de ser fechado nestes episódios tão humanos. A camisa às vezes fica “sem botão”. E as grandes questões existenciais embutidas nas divagações do sujeito lírico (“pode não ser só isso”, quando resta apenas a alegria de uma flor miudinha) estão vinculadas ao desafio de transcender e afirmar, pregar, o botão, a esperança, lembrar os fundamentos da fé em algo além da materialidade, mas que não a exclui, olhando para o Deus encarnado. Pois Jesus, antes de realizar um grande feito, a ressurreição de Lázaro, narrada no capítulo 11 do evangelho segundo João, para atender à necessidade das irmãs do recém morto, permite-se humanizar, com H maiúsculo, e chora. Chora porque ama.

Desta forma, Adélia Prado, mais do que afirmar dogmas cristãos católicos, demonstra preocupar-se em ritualizar a vida, humanizando-a, por meio de seu lirismo, em última instância, metapoetizado no título do poema, “Canção de amor”. É pelo amor que se transcende a miudeza da vida e sua materialidade sempre insuficiente, mas iluminada por transcendências.

Tomando por empréstimo o dizer de Alex Villas Boas,

[...] a questão do sentido da vida se impõe, ainda que nem sempre formulada dessa maneira, quando este se esvai, quando a vida absurdamente não faz sentido, sendo, portanto, a tragédia a categoria por excelência em que o ser humano toma consciência de sua condição e que lhe obriga a mudar o seu olhar sobre a realidade de si e de seu entorno (BOAS, 2016, p. 17).

Para compreender melhor essa busca de sentido, Villas Boas se apoia, dentre outros pensadores, no instrumental defendido por Viktor Frankl, fundador da Logoterapia, cujo pensamento se fundamenta na questão inalienavelmente humana sobre qual é o sentido da vida.

Segundo a Logoterapia, o sentido da vida se apresenta de maneira eminentemente concreta, encarnada na realidade humana. Essa proposição converge também para a realidade do *Logos* cristão, a ideia do Sentido, do Verbo, da Palavra, que se fez carne e habitou entre nós, no chão da existência, com todas as suas realidades e complexidades.

Para Vitor Frankl,

A vontade de sentido constitui em meu entender, um dos aspectos básicos de um fenômeno antropológico fundamental a que dou o nome de *transcendência de si mesmo*. Esta autotranscendência do existir humano consiste no fato essencial de o homem sempre “apontar” para além de si próprio, na direção de alguma causa a que serve ou de alguma pessoa a quem ama. E é somente na medida em que o ser humano se autotranscende que lhe é possível realizar-se – tornar-se real a si próprio (FRANKL, 2016, p. 28).

Dessa forma, a realização do sentido da existência se daria na perspectiva do amor *ágape*, o amor manifesto, em sua mais alta expressão, segundo a perspectiva cristã, na existência terrena do Cristo, o Mistério de Deus revelado à humanidade, que ultrapassou sua condição original para, abrindo mão de uma dimensão divina, relacionar-se com os humanos.

Para Viktor Frankl, então, a autotranscendência é a via possível da realização humana, ou seja, colocar-se em comunicação com a alteridade, focalizando um “autoesquecimento positivo” (FRANKL, 2016, p. 29), para a dedicação a uma tarefa ou a alguém, para além da própria sobrevivência e bem-estar únicos.

Percorrendo, brevemente, então, as considerações de Villas Boas, articuladas ao pensamento de Frankl, “Dar sentido à vida é, portanto, dentro do *Logos* cristão, personalizar um modo de viver que saiba amar, manifestando assim o *Humano do humano*, ao descobrir e dar sentido à vida, de si e de outrem” (BOAS, 2016, p. 18). Portanto, carece de encarnação, concretização, materialidade, corporeidade e cotidianidade.

A partir dessas considerações, é possível perceber o caráter humanizador da lírica de Adélia Prado, que eleva nossa percepção sobre a realidade, transcendendo-a por meio de uma qualidade de esperança, que se baseia em uma profunda concepção cristã da vida. No entanto, essa esperança não exclui a concretude da existência, antes, atendo-se à condição do sofrimento e da tragédia humana, busca sua superação pela via da construção de um sentido afinado com a fé no Cristo e no que Ele nos revela em sua existência terrena, na perspectiva evolutiva de uma realidade de plenitude.

REFERÊNCIAS

BOAS, Alex Villas. **Teologia em diálogo com a literatura: origem e tarefa poética da teologia**. São Paulo: Paulus, 2016.

CHARDIN, Pierre Teilhard de. **Sobre a felicidade; sobre o amor**. Campinas: Verus, 2005.

FRANKL, Viktor. **Sede de sentido**. São Paulo: Quadrante, 2003.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Cadernos de Literatura Brasileira:** Adélia Prado. n. 9. São Paulo, junho de 2000.

PINHEIRO, Silvana. **A invenção de um modo;** movimentos líricos na poesia de Adélia Prado. Tese de doutorado. UFES: Vitória, 2019.

PINHEIRO, Silvana. **Sem licença:** a poética de Adélia Prado. Belo Horizonte: Caravana, 2021.

PRADO, Adélia. **Poesia reunida.** Rio de Janeiro: Record, 2015.